

Lição 9: Sobre o aumento e a diminuição dos ventos

191. Após determinar sobre a geração e o movimento dos ventos, o Filósofo aqui determina sobre seu aumento e diminuição. E divide-se em duas partes:

Na primeira, ele determina sobre a diminuição dos ventos, em 191;

Na segunda, sobre seu aumento, em 193.

Sobre a primeira, faz duas coisas: Primeiro, mostra como o sol é a causa da diminuição dos ventos; Segundo, reúne sob um título geral as causas pelas quais os ventos acontecem de cessar ou diminuir, em 192.

Diz portanto, primeiro [198], que assim como o sol move os ventos, também os faz cessar. Pois, quando as exalações são poucas e fracas, o calor do sol extrai o que é mais quente na exalação, absorvendo-o e dissolvendo as exalações, assim como uma chama maior destrói uma menor consumindo sua matéria. E assim os ventos cessam. Além disso, o sol não apenas os faz cessar quando já existem, mas também impede que se formem: a saber, quando, ao secar a terra, antecipa o acúmulo da exalação, que é a matéria dos ventos (e isso acontece especialmente nas estações e lugares quentes e secos). É como se alguém lançasse um pequeno pedaço de combustível em um grande fogo, e a força do fogo secasse a umidade no combustível antes que a fumaça pudesse sair dele.

Portanto, o sol tanto faz cessar os ventos ao consumir a matéria já acumulada, quanto impede que se formem ao secar rapidamente a terra. É por isso que, por volta do nascimento de Órion, i.e., antes do tempo em que a constelação de Órion começa a aparecer, saindo de sob os raios do sol, durante o tempo do calor do verão, um grande calmaria de ventos prevalece no ar, até os "Etesiae", que são os ventos anuais que costumam soprar anualmente no verão, e os "pródromos", i.e., os "precursores" — porque certos ventos às vezes chegam antes dos Etesiae, devido à matéria adequada ser às vezes rapidamente preparada.

192. Em seguida [199], ele reúne as causas da cessação dos ventos e diz que uma calmaria devida à ausência de ventos ocorre por duas causas: ou por grande frio que apaga o calor que resolve as exalações, como acontece no momento de uma geada intensa — pois foi dito acima que a geada é impedida pelos ventos e, portanto, quando há grande frio e geada, não há ventos; ou por calor excessivo, que sufoca e apaga a exalação, como foi dito acima. Mas mesmo nas estações intermediárias, i.e., entre os períodos de máximo calor e máximo frio, há muitas calmarias: ou quando uma exalação ainda não se formou após o calor e o frio não mais as bloquearem, ou quando alguma exalação já se formou e passou, e outra ainda não chegou, após os ventos terem

sido gerados a partir da que já passou.

193. Então [200], ele determina sobre o aumento dos ventos. Primeiro, sobre o aumento que acompanha o nascimento de Órion, em 193; Segundo, sobre o aumento que ocorre após o nascimento da Estrela do Cão, em 194.

Diz portanto, primeiro [200], que a configuração de Órion em seu nascer e pôr, i.e., quando começa a aparecer e quando começa a desaparecer, é "indiscernível", i.e., intolerável, e "difícil", i.e., tem ventos severos e tempestuosos. Nem isso contraria sua afirmação anterior, pois, antes do nascimento de Órion, há calmaria, mas no período de seu nascer e pôr há tempo tempestuoso. A causa disso é que seu nascimento ocorre quando o verão está mudando para o outono, e seu pôr quando o outono está mudando para o inverno. Ambos os tempos, i.e., o de seu nascer e o de seu pôr, cobrem um número de dias devido ao tamanho da constelação, que não aparece toda de uma vez e desaparece toda de uma vez. Mas quando as estações estão mudando, ocorrem muitas perturbações, pois quando uma estação não é determinada a uma, inclina-se ora em uma direção, ora para seu contrário. É por isso que muitas chuvas e ventos são produzidos por causa das exalações.

194. Então [201], ele determina sobre o aumento do vento após o nascimento da Estrela do Cão. Sobre isso, faz três coisas: Primeiro, propõe a proposição, em 194;

Em segundo lugar, ele atribui a causa, em 195; em terceiro lugar, ele levanta uma dúvida sobre esse ponto, em 197.

Ele diz, portanto, primeiro [201] que os "Etésias", ou seja, certos ventos anuais, soprando, por assim dizer, sempre na mesma época, sopram após as "conversões", isto é, após o solstício de verão — e não apenas logo após o solstício, mas também após o nascimento da Estrela do Cão (Sirius). Isso ocorre porque eles não sopram quando o sol está mais próximo de nós, a saber, na primeira virada [solstício], ou seja, no início de Câncer, nem quando está distante, como, por exemplo, quando está nos signos do sul. Além disso, os Etésias sopram durante o dia, mas param à noite.

195. Em seguida [202], ele atribui a causa do que foi dito anteriormente. Primeiro, por que os Etésias sopram durante o dia, e particularmente pela manhã e ao entardecer. E ele diz que quando o sol está mais próximo, ele seca qualquer umidade da qual o material do vento poderia ser formado, se pudesse ser resolvido; mas quando ele recua um pouco, então uma exalação é resolvida em quantidade moderada; o calor, da mesma forma, é moderado, de modo que as águas congeladas se liquefazem; e a terra, sendo seca tanto pelo calor do sol quanto por seu próprio calor inerente, começa a inchar, por assim dizer, e, à medida que a umidade resolvida se acumula, a exalar — e dessa forma os ventos são gerados.

196. Em segundo lugar [203], ele mostra por que os Etésias diminuem à noite e diz que a razão para isso acontecer é que o frio da noite congela os humores que estão se liquefazendo, de modo que a exalação para. Pois é evidente que nem o que está congelado exala, nem o que está seco, não tendo umidade, mas o seco que tem umidade exala quando aquecido. Consequentemente, os Etésias não sopram nem quando o sol está mais próximo de nós, por causa da secura; nem à noite,

por causa do congelamento. No entanto, há outra explicação que poderia ser dada, a saber, que à noite o sol está mais distante de nós e, portanto, não consegue levantar exalações.

197. Então [204], ele levanta uma dúvida sobre o que foi determinado. Sobre isso, ele faz três coisas: Primeiro, ele levanta a dúvida, em 197; Segundo, ele a resolve, em 198; Terceiro, ele descarta algo aparentemente contrário à solução (L. 10).

Ele diz, portanto, primeiro [204] que alguns se perguntam por que os ventos norte sopram continuamente após o solstício de verão, enquanto os "Notos", ou seja, os ventos sul, não sopram da mesma forma após o solstício de inverno. Pois parece que, assim como após a aproximação do sol ao polo norte, os ventos sopram de lá, também após sua aproximação ao polo oposto, os ventos deveriam soprar da direção oposta.

198. Então [205], ele resolve este problema e diz que, na estação correspondente, sopram ventos, chamados "leucônotos", assim chamados porque sopram em tempo claro (leucos em grego significa "branco"); mas como eles não sopram ininterruptamente, como os Etésias do norte — e, portanto, por estarem ocultos, é o fato de não serem notados que causa o presente problema. Agora, a causa de eles não soprarem continuamente é esta: o vento norte sopra de lugares sob o polo ártico, onde abundam água e neve, que são derretidas pelo sol mais após o solstício de verão do que no início da virada, embora o sol esteja então mais próximo de nós; e é por isso que é depois, e não durante, o solstício de verão que os Etésias sopram. Da mesma forma, o maior calor sufocante ocorre, não quando o sol está mais próximo de nós no norte, mas o maior calor vem depois, devido à continuação do processo de aquecimento por um longo tempo.

Pois primeiro, quando o sol se aproxima do trópico, ele encontra matéria disposta, então, começando a dominá-la pouco a pouco, imprime seu efeito mais depois que começa a recuar, mas enquanto ainda está próximo. É por isso que após o nascimento da Estrela do Cão, ou seja, durante a canícula, há mais calor do que antes do solstício, ou durante ele. A água e a neve derretem mais também; por esta razão, mais exalações ocorrem e mais ventos sopram então. Mas é verdade que no solstício, quando o sol está mais próximo, ele causa mais *secura*, como ele disse acima, e dispõe mais a matéria para a exalação; mas a maior exalação ocorre após o nascimento da Estrela do Cão, e é então que os Etésias sopram sem interrupção. E, similarmente, após o solstício de inverno sopram os "ornítias" (assim chamados de um pássaro ou galinha), porque sopram quando alguma constelação do "Pássaro" nasce, assim como os Etésias sopram após o nascimento da Estrela do Cão. (Os "ornítias" são os ventos que ele anteriormente chamou de "leucônotos".) E ele diz que os Ornítias são fracos, porque são ventos menores e sopram mais tarde que os Etésias: pois começam a soprar no septuagésimo dia após o solstício de inverno, como que por volta do início da primavera.

A razão para isso é que o sol está mais remoto e menos forte, de modo que não aquece totalmente aquela região (da qual os ventos sul sopram) e permite que exalações sejam levantadas para formar ventos. E a razão de não soprarem continuamente é esta: certas umidades, que estão na superfície da terra e são fracas, exalam daquela região da terra, estando o sol distante, mas a partir delas não pode ser gerado um vento contínuo; as outras umidades, sendo mais congeladas, precisam de um calor maior, antes de se vaporizarem, enquanto o calor que o sol então fornece é leve, porque está tão distante. É por isso que esses ventos não sopram continuamente, mas em rajadas, até que os Etésias soprem novamente do norte após o solstício de verão: pois esses

ventos do norte são mais adequados para soprar continuamente, pela causa exposta acima.

Revision #2

Created 3 October 2026 23:25:50 by Admin

Updated 4 October 2026 19:04:42 by Admin